

JORNAL DE GARVÃO

Nº 8 Agosto de 2008

www.garvao.net

MONTARAZ de GARVÃO
Pedro Camacho em conversa com
José Francisco Matos e Fernando
Felix Pag. 4

PEDRO DO CARMO
PRESIDENTE



Publicação do livro
**GARVÃO Herança
Histórica**
local na internet
www.garvao.net
e Blog
noticiasdegarvao
Pág. 3



FESTAS DE GARVÃO 2008

FESTAS DE GARVÃO
TERRA PEQUENA DE GRANDES TRADIÇÕES 2008
29 | 30 | 31 | AGOSTO EM HONRA DE N.ª SR.ª DE ASSUNÇÃO

SEXTA 29 AGOSTO	SÁBADO 30 AGOSTO	DOMINGO 31 AGOSTO
19.00 H. - Abertura das Festas	08.00 H. - Alvorada	08.00 H. - Alvorada
20.30 H. - Procissão de Velas	10.30 H. - Abertura da Quermesse	10.30 H. - Abertura da Quermesse
22.15 H. - Abertura da Verbena	11.00 H. - JOGOS TRADICIONAIS	11.00 H. - SURPRESAS
22.30 H. - BAILE COM O CONJUNTO "SEM LIMITES"	14.00 H. - RALLY PAPPER	14.30 H. - ACTUAÇÃO DOS GRUPOS: "FLORES DE MAIO" - GARVÃO "ALMA ALENTEJANA" - GARVÃO "GRUPO INSTRUMENTAL DE AMOREIRAS GARE"
00.00 H. - Variedades com o Grupo de Musica Popular Portuguesa "ALENCANTANDO"	16.30 H. - Tarde Equestre e Taurina Prova de Trabalhos e Equestros seguida de Tourada Alentejana (Praça de Talroa Dr. Ant. Samido)	16.00 H. - ENTREGA DE PRÉMIOS
01.00 H. - CONTINUAÇÃO DO BAILE	22.00 H. - Abertura da Verbena	17.00 H. - LARGADA DE TOUROS PELAS RUAS DA VILA
Organização: Associação de Festas e Romarias de Garvão Reserva de Mesas: Tel. 286 555 111	22.15 H. - BAILE COM O CONJUNTO "KARISMA"	22.00 H. - Abertura da Verbena
00.00 H. - VARIEDADES com a ARTISTA "FLOR" e suas Bailarinas	00.00 H. - Abertura da Verbena	22.15 H. - BAILE COM O DUO "JOSÉ E VÍCTOR GUERREIRO"
01.00 H. - CONTINUAÇÃO DO BAILE		00.00 H. - GRANDE NOITE DE FADOS
		01.00 H. - CONTINUAÇÃO DO BAILE

FEIRA de GARVÃO
Artigos de José de Brito Ramos e
José Pereira Malveiro
Prós e contras na questão da mudança da data
da Feira Pag. 8/9



**IGREJA N.ª Sr.ª
da ASSUMPCÃO**
Artigo de José
Daniel Malveiro e
Raquel Nunes
Pag. 5

HISTÓRIA e ARQUEOLOGIA

“Não é só Desvendar o Passado, é também Construir o Futuro”

O “JORNAL DE GARVÃO”, doze anos depois volta a aparecer, fruto da boa vontade de várias Associações desta terra. Dinamizado essencialmente pela Associação de Festas e Romarias e, pelo Centro Social Cultura e Recreio da Casa do Povo, com o apoio do Grupo Coral Feminino “Flores de Maio”, Indústria Fabriqueira da Paróquia, Grupo de Caçadores, Associação Equestre, assim como do apoio prestado pela Câmara Municipal de Ourique e de uma série de boas vontades que permitiram que o Jornal reaparecesse.

De facto, doze anos depois, é possível perceber a enorme importância que tem um registo escrito e fotográfico desta natureza sobre a vila de Garvão, não só para as gerações actuais, mas também para as gerações vindouras.

Há doze anos atrás, quando se iniciou o Jornal de Garvão, as preocupações principais, tal como agora, eram o despovoamento progressivo da vila e a divulgação das potencialidades locais em prol do desenvolvimento local, criação de postos de trabalho, fixação dos casais novos à terra e apoio aos mais idosos.

Doze anos depois, seria talvez, altura de fazer um balanço, mas que balanço seria esse? Para constatar-mos o que todos sabemos, que somos cada vez menos, menos hoje do que há doze anos atrás? Quando já há doze atrás éramos menos de metade do que éramos há quarenta anos? Mas a quem iríamos culpar por esta inactividade e estagnação? A quem iríamos culpar senão a nós? Culparíamos o facto de não se ter implementado uma política de combate à desertificação? Ou um programa de criação de empregos e de fixação dos casais novos à terra? Culparíamos o facto de há doze anos atrás este mesmo Jornal ter alertado para o despovoamento progressivo da vila e de nada se ter feito nesse sentido?

Mais grave, é acomodarmo-nos e nada fazer para travar ou inverter este flagelo que despovoas estas vilas do interior alentejano, e lhes rouba os seus filhos mais preciosos, os jovens e casais jovens que na ilusão de uma vida melhor buscam outras paragens.

Incrementar uma dinâmica de combate à desertificação, e isso só se faz criando essencialmente postos de trabalho, não é fácil, é um flagelo que assola as vilas do interior, e uma preocupação diária de todos os autarcas.

Contudo, neste Alentejo, existem bons exemplos de aldeias e vilas que têm implementado acções de combate à desertificação, valendo-se das suas mais valias, da sua cultura, história, arqueologia, artesanato e outras actividades que se possam socorrer.

É através de exemplos desta natureza e principalmente da nossa dinâmica e capacidade de raciocinarmos como comunidade, que temos de travar o despovoamento progressivo da vila e implementarmos acções de valorização da qual o JORNAL de GARVÃO pretende contribuir para essa consciencialização e divulgação do nosso património.

PAROQUIANDO...

Jovens Sem Fronteiras

Semana Missionária 2008

Durante os dias 2 a 11 de Agosto, Garvão viu-se invadido por um grupo de 20 jovens vindos de todo o país que decidiram dedicar parte das suas férias de verão à missão.

Dedicar-se aos outros é apenas parte daquilo que os define enquanto jovens cristãos missionários. Estes **Jovens Sem Fronteiras** dedicam-se a partilhar as suas crenças e a trazer alegria aos que pouco têm, tentando tornar as suas vidas um pouco mais ricas.

Na **Semana Missionária de Garvão**, os Jovens Sem Fronteiras trabalharam com jovens, crianças e idosos. As manhãs e as tardes eram dedicadas às crianças e a visitas a pessoas que estavam acamadas ou que precisavam de um pouco de apoio. As noites eram passadas no largo do café Central ou junto à Casa do Povo. Foram muitas as noites em que se sentaram junto dos mais velhos ou dos jovens de Garvão com as violas e as vozes afinadas, cantando e dançando alegres músicas tradicionais portuguesas. O convívio com os jovens passou, ainda, por jogos de futebol ao fim da tarde.

O s Jovens Sem Fronteiras t a m b é m a n i m a r a m diariamente a Eucaristia de Garvão com os seus cânticos de louvor a Deus e realizaram uma vigília, t e n d o convidado a comunidade de Garvão a participar.

N a sua bagagem t r o u x e r a m muito para

dar: sorrisos, amor e carinho. Em seu coração trouxeram Deus e o espírito missionário e de entrega que tanto os caracteriza. Mas o que trouxeram não é nada quando comparado ao que levaram... Esta bagagem tão preenchida foi ainda mais enriquecida com tudo aquilo que viveram. Quando questionados, todos afirmam terem sido bem recebidos e acolhidos pela comunidade. Todos afirmam terem-se sentido em casa, embora longe, devido ao carinho demonstrado pelas pessoas de Garvão.

Na verdade, todos nós, Jovens Sem Fronteiras, sentimos que recebemos uma graça de Deus por termos tido a oportunidade de passar dez inesquecíveis dias com uma comunidade em tudo maravilhosa. Nunca esqueceremos o Tiago, a D. Aurora, a D. Assunção, a D. Lurdes, a D. Mariana, a Beatriz, a Casa do Povo, o Café Central, as noites no largo, os jogos de futebol, as visitas, as Eucaristias e, principalmente, tudo aquilo que ganhámos durante esses dez dias. Partimos diferentes daquilo que chegámos. Somos, hoje, melhores pessoas, melhores Jovens Sem Fronteiras, melhores cristãos, melhores missionários... Tal como diz a canção que encerrou a nossa última Eucaristia, “levo teu sorriso, teu perdão/ mas levo comigo, em minha bagagem, teu coração”. O sorriso e o coração que trouxemos para nossas casas são os das pessoas de Garvão que entraram em nossas vidas, que nos enriqueceram e que nunca serão por nós esquecidos.

Obrigado



Tiragem: 500 Exemplares

TIPOGRAFIA: Gráfica Mineira Lda

Redacção:

José Pereira Malveiro; Mara Alves, Ângelo Nobre, Paulo Lourenço.

Associação de Festas e Romarias: Ana, Jorge, Márcio, Pedro, Sandra, Sónia, Vânia, Raquel, Hugo José, Carlos Mendes, João Cola.

Centro Social Cultura e Recreio da Casa do Povo: Luís Miguel, Arlindo, Canário, Paulo Firmino, Sónia Guerreiro, Joaquim Loução, Carlos Lino. Maria Benedita, Susana Alexandre

Grupo de Caçadores: Fernando Firmino

Grupo Coral Feminino "Flores de Maio": Laura Cavaco, Maria da Graça

Indústria Fabriqueira da Paróquia: Lurdes Catroga, Conceição Vilhena, Aurora Alves, Maria Luísa Felix, Mariana Pereira Malveiro, Maria Antónia Coentro, Padre José Manuel.

Colaboração: José de Brito Ramos.

Apoios:

Câmara Municipal de Ourique



Pavilhão Multiusos recebe 500 Ouriquenses

No âmbito das comemorações dos 869 anos da Batalha de Ourique, no passado dia 26 de Julho, o Pavilhão Multiusos em Ourique, recebeu o 1º Almoço Convívio entre Ouriquenses que reuniu mais de 500 pessoas, vindos de toda a parte do país. Uma tarde marcada por muita alegria, onde os reencontros de antigos amigos e o fado interpretado pelas gentes da terra, marcaram esta iniciativa organizada pela Câmara Municipal de Ourique.



O Presidente da autarquia, Pedro do Carmo, espera "ser-mos muitos mais para o ano"

OVIBEJA COLA-SE À FEIRA DE GARVÃO

A Ovibeja, exposição agro-pecuária do distrito de Beja, começou por se realizar em Março de cada ano, contudo, de ano para ano, a data da realização deste evento, tem-se vindo a aproximar da data tradicional da Feira de Garvão, acabando, este ano, por se realizar no próprio mês de Maio, mais precisamente de vinte e seis de Abril a quatro de Maio, quando a Feira de Garvão, tradicionalmente, realiza-se, todos os anos, a nove e dez de Maio.

A Ovibeja, criação recente e sem data tradicionalmente definida, como grande exposição agro-pecuária que é, realizada na sede do distrito, animada

por outros objectivos e apoios, com colóquios, palestras e outras sessões de esclarecimento, ao colar-se à Feira de Garvão, esvazia a exposição agro-pecuária da Feira de Garvão da sua componente esclarecedora e informativa, que possa vir a ter no esclarecimento e informação dos agricultores e população em geral. Assim uma das características iniciais da exposição agro-pecuária da Feira de Garvão, o da informação e esclarecimento, ficou esvaziada dos seus propósitos, precisamente porque na Ovibeja, poucas semanas antes, esses assuntos já terem sido focados.

FEIRA ANUAL DE SERPA VOLTA AO PASSADO

Segundo o Diário do Alentejo do dia 8 de Agosto de 2008, citando a Câmara Municipal de Serpa, "O centro histórico de Serpa, decorado a rigor, vai ser o palco da I Feira Histórica e Tradicional. O certame anual, este ano com imagem renovada, vai regressar à época medieval".

Ainda segundo o Diário do Alentejo, "Serpa vai voltar ao passado. Durante três dias, bobos, histriões, bufões, trampolineiros, saltimbancos, acrobatas e malabristas tomam de assalto a Terra Forte e a tradição, essa, regressa às origens com a I Feira histórica e Tradicional."

De acordo com a Câmara Municipal de Serpa, organizadora do evento, "a intenção é a dinamização do centro histórico" neste sentido, adianta que "a iniciativa promove o relacionamento entre a população e o património".

Francisco Jorge, vereador da Câmara Municipal de Serpa, assegura ao Diário

do Alentejo"... para que a Feira, que é tradição da terra, se possa realizar na data prevista" e adianta que "esta é uma boa oportunidade para verificar o que este tipo de evento pode trazer a Serpa".

"No centro histórico, de Serpa, vai misturar-se o bulício da multidão com soldados, contadores de histórias, vendedores de sonhos e ilusões, aventureiros e trapicheiros ... mercadores, mesterrais, almocreves, mendigos, aleijados, larápios, rameiras, frades, romeiros, entre outros".

Ainda segundo o Diário do Alentejo, "Para além da animação os comensais poderão deliciar-se nas tabernas". As Iguarias fazem parte do certame e os produtos tradicionais como o pão, o queijo e os enchidos não foram esquecidos. Aqui, também poderá degustar sopas, grão, feijão, febras, sardinhas assadas e doces da época ou tradicionais".

Publicação do livro "GARVÃO Herança Histórica"

A história de uma vila não se faz só escrevendo um livro. A história de uma vila faz-se vivendo nela, sentindo-a, conhecendo-a, partilhando as suas alegrias e tristezas.

O trabalho que aqui se apresenta, neste livro, é uma compilação de artigos e textos sobre temas estudados e pesquisados ao longo dos anos pelo autor, sobre as mais variadas áreas de interesse da vila de Garvão.

Mais do que uma monografia, o livro "Garvão Herança Histórica", é uma contribuição, um alerta e um desafio sobre a divulgação da nossa história e património, sobre a preservação e salvaguarda dos monumentos e vestígios arqueológicos existentes na freguesia e, principalmente, a sua valorização como factor de desenvolvimento local capaz de criar mais valias e oportunidades de emprego numa terra tão carente como Garvão.



Capa do Livro "GARVÃO Herança Histórica"

www.garvao.net

Garvão já possui um lugar na internet. Aqui poderá encontrar um pouco de História, de Arqueologia e das várias actividades culturais e desportivas realizadas pelas várias associações da Vila ao longo dos anos, sejam elas associações presentes ou passadas.

Aqui está o primeiro livro de "Fotos Antigas da Vila de Garvão", assim como o livro "GARVÃO Herança Histórica".

Encontrará, também, As Vacas Garvonesas, a Feira, a Dança, José Júlio da Costa, o Depósito Votivo, e o Jornal de Garvão. Encontrará também o Museu Virtual de Etnografia e o Museu Virtual de Arqueologia, assim como links a outras entidades de interesse para a vila.

Blog de Garvão

<http://noticiasdegarvao.blogspot.com/>

A expressão cultural em Garvão manifesta-se de várias formas, a vocação e a necessidade da população de se exprimir culturalmente, leva-nos a criar várias actividades relacionadas com esta vila que resulta sempre no seu enriquecimento, seja através deste Jornal, do sítio na internet, dos cantares, dos livros, e agora o BLOG sobre Garvão na internet.

Os iniciadores deste BLOG, estão de parabéns, não só por nos facultarem um excelente lugar de discussão pública, em tempo real, para quem quiser expressar as suas opiniões, sobre o mais variado tema da vila de Garvão, mas também, pela escolha da primeira sondagem, como não poderia deixar de ser, teria de ser sobre algo que nos preocupa a todos: a ameaça do encerramento da fábrica de enchidos.

Já viu o BLOG? Já votou? Já colocou o seu comentário? Dê a sua opinião, pois são iniciativas desta natureza que nos dão a oportunidade de nos expressarmos sobre a terra onde vivemos e merecem de ser apoiadas.

NOTA DA REDACÇÃO

O JORNAL DE GARVÃO, neste seu relançamento, 12 anos depois de o último jornal ter sido editado, procurou uma plataforma de apoio o mais abrangente possível, endereçando, para o efeito, o respectivo convite a todas as associações e entidades da freguesia, para a respectiva colaboração e publicação de algum artigo que julgassem pertinente.

A ausência, por ventura, de alguma associação ou entidade neste jornal, deve-se, não à falta de convite, mas a motivos completamente alheios e desconhecidos a este jornal.

O JORNAL DE GARVÃO, não deixa de ser mais uma actividade que se realiza nesta vila, procurando, através dos seus artigos, contribuir para o seu desenvolvimento.

A união e o respeito entre todas as associações e sensibilidades desta terra, é, também, um dos objectivos deste Jornal, e nesse sentido endereça a todas as associações, entidades e população em geral, o respectivo convite para a publicação de algum artigo que julguem conveniente, e que obedeçam aos princípios que sempre caracterizaram este jornal.



MONTARAZ de GARVÃO

Pedro Camacho em conversa com Fernando Félix e José Francisco Matos

“Guardar a Tradição”

José Francisco Vilhena de Matos e Fernando José Abrunhosa Nobre Félix, são empresários agrícolas, produtores de Porco Alentejano e, sócios da empresa Montaraz de Garvão – Transformação Artesanal de Porco Alentejano.

No século passado, Garvão era um dos pontos de concentração dos porcos que seguiam por caminho-de-ferro para os mercados da Grande Lisboa. Hoje, esta situação alterou-se e Garvão mostra todos os anos, na sua feira anual, os melhores exemplares do Porco de Raça Alentejana.

Na sequência desta situação surgiu uma nova empresa transformadora, “Montaraz de Garvão – Transformação Artesanal de Porco Alentejano, Lda”. Inaugurada a 27 de Janeiro de 2007, é resultante de um investimento, maioritariamente interno, de 1.777.248,57€ e, vem explorar uma tradição enraizada na zona, criando novos postos de trabalho.

Resultante do empreendedorismo, dinamismo e empenho no desenvolvimento da região, a “Montaraz de Garvão” reúne um grupo de empresários, 100% português, do qual fazem parte alguns industriais de transformação de porco de raça alentejana, pioneiros desta actividade em Portugal e com comprovado sucesso em anteriores projectos, bem como alguns dos maiores e melhores produtores nacionais de porco de raça alentejana a desenvolver a sua actividade no concelho de Ourique.

“Numa região com forte tradição na produção e transformação de Porco

Alentejano, como o Concelho de Ourique e em particular na freguesia de Garvão, faz todo o sentido a implementação de uma unidade de transformação artesanal deste tipo. Para além de criar cerca de 20 postos de trabalho numa freguesia desfavorecida como Garvão, vem também contribuir para o crescimento de um sector extremamente importante a nível económico para o concelho e para a valorização e rentabilização de uma riqueza natural, indispensável para a produção do Porco Alentejano de forma extensiva, os Montados.” (Fernando Félix)

A moderna unidade está implantada num lote de 10.000 m², com uma área coberta de 2.000 m², distribuída por 2 pisos. Encontra-se dimensionada para uma produção anual de cerca de 5000 presuntos, 5000 mãos curadas e ainda para uma produção de cerca de 5000 kg de enchidos por semana.

“ Para a campanha 2008-2009, é previsível o abate de 4000 animais, dos quais 1000 de Montanha (...)” (José Francisco Matos)

Os produtos são transformados a partir de carne de porco alentejano criado de forma tradicional e extensiva, o que valoriza o produto final, devido às suas características particulares ligadas a questões não só ambientais, mas também de saúde. A transformação é feita utilizando as tecnologias mais actuais, com o máximo de higiene e segurança.

recentemente. (...) A sua distribuição é feita para várias cadeias de hipermercados, minimercados, restaurantes e lojas da especialidade principalmente a sul do Tejo.” (Fernando Félix)

O modo de produção e transformação da matéria-prima de excelência, o porco alentejano, torna possível a atribuição de nomes qualificados aos produtos comercializados pela empresa, nomeadamente, Presuntos e Paletas Santana da Serra IG. Actualmente, a empresa diversifica na qualidade e aposta em conseguir a Denominação de Origem Protegida para a carne em fresco.

A gestão destes nomes, protegidos a nível comunitário, é cargo da Associação de Criadores de Porco Alentejano (ACPA), entidade responsável não só pela identificação racial os animais e acompanhamento técnico dos mesmos no campo, mas também pela indigitação de um organismo privado de controlo e certificação dos produtos.

“O facto de se comercializarem produtos certificados, devidamente identificados com os respectivos “selos” de certificação transmite aos consumidores um sinal de confiança para a aquisição do produto. Embora os consumidores não estejam muito familiarizados com os termos IG (Indicação Geográfica) e DOP (Denominação de Origem Protegida), associam-nos sempre a qualidade.” (José Francisco Matos)

Pedro Miguel Mestre Nobre Félix Camacho



Fernando Félix e José Francisco de Matos

“Os produtos comercializados pela “Montaraz de Garvão” são identificados como enchidos tradicionais, diferenciando-se dos demais por se tratarem de produtos de porco alentejano. Os produtos mais procurados pelos consumidores são a carne em fresco e os enchidos, os primeiros presuntos e paletas começaram a ser comercializados

Snack-Bar / Restaurante
O CRATA
Bairro Novo da Sardôa, Lote 38
☎ 286 555 354 – GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Telef. 286 555 416 – Telem. 962 341 322
GARVÃO

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL PNEUS
RECONSTRUIDOS
FEDIMA®
LUBRIFICANTES
SHELL

FUNERÁRIA ALENTEJANA
Agência Funerária Alentejana, Lda.
Funerais e Transferências para todo o País
Sede: Rua Batalha de Ourique, 13
Tel. / Fax 286 512 561 – Ao. 43 – BORGALHE
Filial: Rua do Algarve, 72 – Tel. 283 882 117 – SARDÓIA

BAR - CAFETARIA
Lina
Tlm. 912 711 467
ESTAÇÃO DA FUNCHEIRA

FARMÁCIA GARVANENSE
2.ª e 6.ª - das 9.00 h. às 19.00 h.
Sábados - das 9.00 h. às 14.00 h.
Tel. 286 555 442 – Fax 286 555 446
Bairro da Escola, Lote 5 – GARVÃO

LINDAMIRA DÓLORES DE BRITO GARVALHO
Tel. 286 555 371
Tlm. 939 441 637
Rua do Álamo, 4
7670 GARVÃO



IGREJA

NOSSA SENHORA da ASSUMPCÃO

Achado das fotos e documentos

Estilo arquitectónico da Igreja

José Daniel Malveiro

Este artigo insere-se numa série de fotografias e documentos, descobertas pelo autor nos arquivos da antiga Direcção Geral dos Monumentos Nacionais.

Os achados fazem parte de uma colecção de documentos, com suporte fotográfico, sobre a recuperação da Igreja Matriz de Garvão, Nossa Senhora da Assumpção, incluindo vários pedidos de recuperação da Igreja de particulares e do paróco, assim como trocas de correspondência entre as várias entidades do estado que tinham a seu cargo a recuperação de tal monumento. A data mais antiga, que se encontra na correspondência, data de 29 de Dezembro de 1937, dirigida ao director dos monumentos nacionais, sobre se as obras de restauro na Igreja "merece a pena".

As fotografias de 1938, são bastante elucidativas sobre o estado lamentável em que se encontrava a Igreja, contudo o mais curioso que se consegue vislumbrar pelas fotografias, é o facto de o portico em estilo manuelino da Igreja de Garvão estar resguardado por uma estrutura abobadada em arcos que a protegia, estrutura esta que fazia parte do conjunto da Igreja, construída com os mesmos materiais e no estilo em que se encontra ainda em certas Igrejas,

nomeadamente na Igreja da Srª da Cola ou em Messejana.

Conjunto este que já não se encontra vestígios, presumindo-se que tenha sido demolido por ocasião das obras de restauro que se vieram a afectar posteriormente.

Entre a correspondência trocada entre o Ministério das Obras Públicas e Comunicações e as várias repartições do estado, sobre o arranjo da Igreja, nomeadamente a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e o Director dos Monumentos Nacionais, questionam se a Igreja de Garvão está classificada como monumento Nacional, facto que na altura não estava e não veio a acontecer posteriormente, mas havia unanimidade entre os intervenientes em recomendar a sua classificação como imóvel de interesse local ou municipal.

Apesar destas cartas, ou deste processo de reabilitação da Igreja, ter a data mais antiga de 1937, em 1962 encontra-se nova correspondência de várias entidades, nomeadamente do Paróco, do Bispo de Beja e de vários populares da vila de Garvão, a solicitar o arranjo da Igreja, como o caso de uma carta com a data de 1962 dirigida ao Presidente do Concelho, D.ª Oliveira Salazar, escrita por Maria Guerreiro Gomes, moradora no Largo da Palmeira.



**Igreja Matriz de Garvão
Nossa Senhora da Assumpção**

Raquel Nunes

A Igreja Matriz de Garvão, denominada Nossa Senhora da Assumpção insere-se na arte Gótica que surge em França, em meados do séc. XII, dominando toda a Europa, devido à influência e poder da monarquia francesa, às viagens dos arquitectos gauleses e a expansão dos monges de sister, durante 350 anos. Esta arte foi considerada como a mais espectacular de toda a idade média, é fruto de uma notável evolução nos saberes e nas técnicas e a melhor expressão material da religiosidade e da mística, ponto de ligação entre razão natural e revelação divina, entre os homens na Terra e Deus no Céu.

Em traços gerais, este estilo caracteriza-se pelas abóbadas cruzadas e a complexidade ornamental, conforme se pode observar na Igreja de Garvão, nomeadamente no pórtico Manuelino. No que respeita à construção interior a sua principal característica são os tectos em abóboda de arestas em ogiva, as chamadas "abóbadas cruzadas". Aqui, os arcos são os suportes das abóbadas, bons alicerces e resistentes. Neste caso é fácil de notar a forma como os arquitectos tentavam aliar a estética com a estrutura, a forma estava subordinada à função. No exterior, a decoração concentrava-se à volta de elementos muito específicos, como as entradas, as janelas e os contrafortes.

A igreja gótica caracteriza-se por uma arquitectura muito complicada, que resulta numa tamanha perfeição.

Em Portugal, o Gótico é conhecido como estilo Manuelino, este baseia-se nas características desenvolvidas pelos franceses conjugadas com o gótico perpendicular inglês, que se caracteriza na acentuação das linhas rectilíneas, verticais e horizontais; evoluindo com características muito próprias, alcançando níveis de beleza elevados.

No campo decorativo, a representação da natureza expressa-se por motivos realistas, em que a vegetação é um símbolo muito utilizado de forma exuberante. Os animais, flora e seres humanos estranhos aparecem pontualmente. Como forma de diferenciar a arte portuguesa de todas as outras, os artistas da altura optaram por passar para as suas obras elementos que faziam parte do quotidiano do país, tal como elementos de exaltação do poder monárquico e divino, para isso representavam a esfera armilar e imagens sacras.

Na arquitectura, a decoração não é misturada com a estrutura, ou seja, as paredes são geralmente livres de decoração, tanto no exterior como no interior, sendo que a ornamentação concentra-se nas janelas, portais, arcos, tectos, abóbadas, pilares e colunas, arcos, nervuras, etc.



**Portico Manuelino Da Igreja
Nossa Senhora da Assumpção**

Café Nascer do Sol
ALMOÇOS - PETISCOS - JANTARES
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de: Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

Salão Mila
Emília M.ª Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telef. 965 779 545 GARVÃO

NOVIGARVÃO
Carlos Alberto Guerreiro Silva
Telef. 934 059 159
Móveis - Electrodomésticos
Tapetes e outros artigos
de decoração para o Lar
Candeeiros - Cadeiras por medida
Tel/Fax 286 555 164 - B.ª Escola, L.2 - GARVÃO

Kafé Snack - Bar
"NOVO RUMO"
Servem-se refeições e petiscos diversos
Telef. 934 785 927 / 936 234 652
Rua do Álamo, N.º 11 - 7670-186 Garvão

REVEZ & GONÇALVES
Materiais de Construção, Lda.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
PECUÁRIA
VENDA A RETALHO
Telef. 286 555 151 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



PEDRO DO CARMO

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OURIQUE

Entrevista da Jornalista Mara Alves

A situação financeira da Câmara Municipal de Ourique é do conhecimento público, as dívidas, o mau estado das viaturas, as obras paradas, e todas as outras situações camarárias que fazem o intitulado “Monstro”. Transparência, credibilidade e verdade é com estas palavras que Pedro do Carmo, autarca da Câmara Municipal de Ourique caracteriza o actual executivo.

1. Como Presidente da Autarquia quais as dificuldades mais preocupantes neste Mandato que vai fazer três anos?

Pedro do Carmo – Era bom que tivesse apanhado o Município de Ourique numa outra situação que não aquela que foi por mim conhecida e que depois foi revelada. O estado em que encontrei o Município de Ourique foi caótico e quando o apelidei de “Monstro”, foi realmente o que senti, que era um barco à deriva, totalmente, descontrolado e consumindo-se a si próprio. Era uma situação incontornável, talvez uma das piores situações do país, onde se esbanjava dinheiro, totalmente, desorganizado e sem fim à vista. Foram, realmente, dias muito difíceis e aquilo eu quero que percebam é que essa gestão hipotecou o futuro do Município de Ourique, por muitos e muitos e longos anos, porque não é possível sanear e organizar um município em dois ou três anos, levará muito mais tempo que isso. Estou convicto que o trabalho que tenho feito têm sido passos muito firmes, seguros e também organizar o Município de Ourique, que talvez fosse o único do país, que não tivesse inventário que comprava, sem saber se tinha dinheiro, e sem um esquema de requisições, em alguns casos, também apelidei funcionários fantasma que nunca tinham vindo à autarquia, recebiam o dinheiro e estavam em casa, dívidas acumuladas sobre dívidas, centenas de processos judiciais, uma questão incalculável e ingovernável, resolver tudo isso tem sido, efectivamente, muito difícil. Para além de tudo isto, permitiram que passasse ao lado, um conjunto de Apoios Comunitários e de Candidaturas. Ourique estava vedado de se poder candidatar a Apoios Comunitários; Ourique tinha um risco vermelho em todos os processos e isso tem vindo a hipotecar o trabalho, do dia a dia, porque é preciso resolver muitos problemas deixados, e depois quando se perde o norte, que foi o caso do Município de Ourique, ficou-se na mão de um conjunto de pessoas e empresas, não creíveis não correctos, que usaram e abusaram do Município de Ourique e dos Ouriquenses. Aquilo que eu quero que fique sempre presente na mente de

todos é que esta gestão não hipoteca só este Mandato hipotecou o futuro dos Ouriquenses, por muitos anos e é preciso uma gestão rigorosa, credível, transparente e verdadeira que não sirva interesses privados e interesses pessoais, em torno do fim público e do interesse público para que, efectivamente, o Município de Ourique, continue a tomar um bom rumo. Estou certo que este passo tem vindo a ser feito, Ourique é um Município credível para a Administração Pública; Ourique é hoje um Município tido como sério transparente e verdadeiro e levou muito tempo a ganhar essa imagem e não podemos de forma nenhuma perde-la; Ourique hoje trata os seus funcionários como pessoas, formos enquanto pessoas e enquanto trabalhadores, respeitando-os na sua dignidade, na sua plenitude, hoje, os Serviços são respeitados, tem a autonomia normal na sua independência profissional e criámos, naturalmente, um clima excelente, um clima são entre as pessoas. O concelho de Ourique é de todos para todos, infelizmente, temos uma “camisa de forças” que ainda nos castra de poder desenvolver os sonhos todos que tinha para Ourique, naturalmente, muitos tem vindo a ser implementados, mas muito há a fazer mas só é possível com este espírito de missão e de entrega total.

2. Que soluções tem sido encontradas para esses problemas?

É muito difícil colmatar este problema quando se está num cargo como um Executivo Municipal, nem que a Câmara de Ourique parasse quatro anos, fechássemos a porta resolvíamos a dívida. Em primeiro lugar, isso não é possível fazê-lo porque os municípios de Ourique tem que ter um conjunto de respostas e um conjunto de soluções, em segundo lugar porque as pessoas, também, querem que se faça alguma obra e também é necessário alguma obra e porque as oportunidades surgem neste momento, e nunca mais surgem. Repare, construímos um Mini Campo em Garvão porque aquela oportunidade surgiu naquele momento, e tínhamos de ter a candidatura e de ter técnicos para a fazer, foi com um bom financiamento e a solução está lá apresentada. Demos origem a um conjunto de obras porque as oportunidades e as candidaturas surgem naquele momento e temos que aproveitar; vamos proceder ao arrelvamento do Campo Municipal D. Afonso Henriques, porque a candidatura surgiu agora neste momento, e só é possível fazer agora e não podemos perder esta oportunidade, mas para além disso temos que resolver as obras que estão para trás. Não era possível deixar de

arranjar as estradas porque elas estavam num estado lastimável e não havia alternativa, mas houve quem tivesse recebido essas verbas para as arranjar e não as arranjou. Há um conjunto de situações que a pressão é muito grande, porque é preciso resolver as asneiras que os outros deixaram, e ao mesmo tempo, é preciso estar à altura, fazer obra, naturalmente, nunca em grande expansão, não podemos cair em tentação e deixar Ourique voltar atrás. Contudo, implementámos um conjunto de Apoios Sociais; como a Comparticipação dos Medicamentos, o Transporte Serra Acima, o Apoio Domiciliário, pequenos Arranjos Domésticos, são iniciativas que só com grande estabilidade financeira o fazem, mas eu sei que não poderia deixar os Ouriquenses de parte, e ter orgulho em viver na nossa terra e criar melhores condições é urgente fazê-lo, eu sei que era urgente fazer uma revisão do PDM para que não surgissem situações graves como foi, não haver um Parque Industrial no concelho de Ourique. Por exemplo, em Garvão há muitos empresários que têm necessidade de se instalarem e de expandir a sua actividade e não é possível fazê-lo, porque, anteriormente, fizeram um Plano Director Municipal que não respeita, nada disso, que não tem consideração que há empresários que querem investir é preciso rever o PDM só que custa isso muito dinheiro, mas é preciso contratar empresas e desenvolver isso, a Câmara Municipal de Ourique já aprovou essa Revisão que já está em marcha, mas são muito sacrifícios que tem que ser feitos, para não perder o comboio, ou pelo menos abrandar a velocidade e estar próximo das coisas. É preciso dar resposta a tudo, ao mesmo tempo, mesmo para quem começou como nós começámos, que foi muito abaixo do zero. Eu dou sempre o exemplo, que quando nós quisemos comprar alcatrão, a pronto pagamento, para começar a dar andamento aos arranjos das estradas, não nos vendiam sem pagar o que estava para trás, quando eu uso a expressão abaixo do zero, isto é verdade e para além disso, foi preciso constituir uma brigada do alcatrão, foi preciso mobilizar os empresários e fazê-los sentir orgulho na nossa terra, de que todos tínhamos um rumo e efectivamente, esse rumo está a acontecer, mas também, com muito sacrifício pessoal, eu e os senhores vereadores e todos os colaboradores damos o exemplo.

3. Contudo, não só de coisas más tem sido feito este Mandato, que aspectos positivos quer destacar nestes três anos?

Os aspectos negativos são os que nos marcam ou o que nos dificulta a nossa actividade positiva, estou muito orgulhoso de tudo o que tem sido feito no Município, de coisas mais pequenas, como seja, hoje termos uma página de Internet e termos toda a nossa informação, e ser um órgão claro e transparente, onde as actas estão disponíveis on-line para quem quer participar e para a oposição as ler e comentar. No Mandato anterior, nós tínhamos que fazer requerimentos no Tribunal para poder acesso as actas.

Em termos de Protecção Civil desenvolvemos uma actividade extraordinária, temos hoje em Ourique Bombeiros profissionais, que são os “Canarinhos”, temos um helicóptero sedado na altura dos fogos; temos um conjunto de equipamentos inovadores e modernos. Ourique está na linha da frente nesses processos todos; temos um gabinete Técnico – Florestal, que acompanha vários Concelhos ao redor; recuperámos milhares e milhares de km; comprámos máquinas; acabámos o Pavilhão Multiusos; estamos a concluir as obras Municipais, relativamente, às obras municipais, o que fizeram foi a parte fácil, fizeram o betão, agora comprar equipamentos, alguns deles, não cofinanciados e poder pôr aquilo a funcionar é que é uma dificuldade tremenda; nós já estamos a comprar livros para a Biblioteca, já temos mais de 80 mil euros comprados em livros, não havia um único livro, nem nenhuma estante. Todos esses Concursos foram lançados por nós, e estão a ser pagos para poder abrir com toda a dignidade, o Cine-Teatro não tinha máquina de filmar, não tinha equipamento de som, tudo isso está a ser adquirido agora, ou seja, aquilo que não se vê, aquilo que é caro, tudo isso estava por fazer, e isso são pequenas coisas que, nem sempre, se vêem. Para além disso, também é importante aqui falar do conjunto de iniciativas que têm sido feitas, sempre com grande rigor e disciplina, quer a nível lúdico, quer na parte ambiental. Hoje fazemos recolha selectiva por todo o Concelho, temos a Campanha dos Oleões, temos regulamentos que disciplinam e organizam o funcionamento do Município, em que dá toda a dignidade e todo o profissionalismo, aos nossos funcionários e colaboradores. Em termos de Educação, reequipámos as Escolas todas, colocámos o computador com ligação à Internet. Os nossos alunos, não podiam ter visitas de estudo porque não havia um autocarro, e hoje temos um autocarro grande, totalmente adquirido por este Concelho, não falando já que ao nível de respeito e de apoio que o os Municípios, em redor nos dão, é realmente significativo, ou seja, os



outros Municípios põem o partido de parte, com qual foram eleitos, e tem uma solidariedade grande com Ourique e eu quero reconhecer isto publicamente e quero fazê-lo nesta entrevista. No passado mês de Julho organizámos um grande almoço, um grande convívio de Ouriquenses, no âmbito das Comemorações da Batalha, que foi uma comemoração que se tinha perdido em Ourique, voltámos a comemorar todos juntos, o Concelho inteiro, as seis Freguesias juntas a assinalar a Batalha de Ourique, isso foi possível porque há uma câmara de Castro verde – CDU que nos apoia e esta solidária com Ourique, e nos ajuda em tudo aquilo que pode; porque há o Município de Almodôvar que é PSD e que ajuda o Município de Ourique, nesta questão de solidariedade, porque há um Município de Odemira que é PS e ajuda o Município de Ourique, por isso, o que eu quero, é que os Ouriquenses percebam é que tem sido possível fazer tanta coisa com a ajuda destes Municípios, que eles próprios esqueceram a sua ligação partidária e estão disponíveis para ajudar Ourique. Este é o mesmo princípio que eu quero que seja sempre consciente, sempre aqui em Ourique, pormos as nossas ideologias partidárias para trás e fazermos mais pelo nosso Concelho, se estes Presidentes têm desempenhado essa função, eu agradeço-lhe publicamente e peço aos Ouriquenses todos, que reconhecidamente agradeçam a estes Municípios a forma como nos estão a tratar, porque compreendem as dificuldades que estamos a sentir e que Ourique está no bom caminho e que é cumpridor e zeloso para com eles.

4. No que toca às Associações que existem no Concelho que tipo de apoio a Autarquia lhes têm dado?

Eu quero Ourique com todos e para todos, eu respeito muito a autonomia das Associações, luto para que elas se constituam e que definam os seus próprios programas e peçam auxílio à Câmara. Não quero, como já foi no passado, que as associações sejam tentáculos do poder e a prova disso é que as associações todas que tem protocolado com a CMO, um apoio financeiro ou logístico, ficam escritos os parâmetros, não é andar de chapezinhos na mão a pedir caridade, dou-lhe um exemplo o Centro social de Cultura e Recreio de Garvão, durante anos não recebeu um tostão do Município de Ourique. Hoje temos um protocolo, a CMO não pode dar muito, mas dá 500 euros todos meses para o seu funcionamento, as pessoas sabem com o que contam, há um Protocolo de Apoio às iniciativas culturais, mas fazemos isso com esta Associação, como com outras do concelho. Têm aparecido novas Associações de jovens, todas Associações tem tido por parte da CMO o mesmo tratamento, geral, abstracto e rigoroso e de apoio, o sucesso de muitas iniciativas que tem sido feitas e Garvão é disso a prova, quer a Associação futuro quer as outras associação tem feito um bom trabalho e que cada vez crescem mais, porque e há um respeito da parte da Câmara, porque há um distanciamento por parte da Câmara para com as iniciativas que cada um desenvolve.

Temos que fazer todas as iniciativas com as pessoas para as pessoas não é o contrário, não é a Câmara lá do alto do pedestal mandar fazer, efectivamente, vimos que esse foi um modelo esgotado foi um modelo que falhou, e foi um modelo que nos destruiu por dentro, por isso, é que eu quero que as coisas continuem neste caminho sempre de forma clara, geral, abstracta participando e colaborando com todos.

5. No que respeita à freguesia de Garvão que obras têm sido feitas?

Garvão foi uma freguesia que esteve ao abandono, o Sr. Presidente da Junta sofreu muito no anterior Executivo porque havia aqui uma política discriminatória com as Juntas que eram ou não da cor do Executivo, esse foi um modelo que desapareceu. No entanto, em Garvão em conjunto com a Junta de Freguesia tem sido feitas um conjunto de actividades e de situações que se tem resolvido, temos feito um largo acompanhamento dos arranjos das estradas, iluminação pública, foi feito um mini campo de futebol sintético na EB 1 de Garvão, foi feito o picadeiro com a ajuda da Associação Equestre, foi recuperada a Praça de Toiros com o apoio da Associação Futuro de Garvão, construiu-se a fábrica Montaraz, foi adquirido um transporte para a Junta de Freguesia, a cantina da Escola em Garvão, foi recuperada, a ponte para a estação de Garvão, não falando em passeios que já foram construídos e em muitas pequenas obras que tem sido feitas pela Junta de Freguesia de Garvão sempre com o apoio da autarquia.

6. Como presidente da Autarquia e, tendo em conta, a presente polémica em redor da Fábrica de Transformação Artesanal de Porco Alentejano em Garvão. Qual a sua opinião, relativamente, ao futuro da Montaraz?

Eu reajo com muita tristeza, o que foi efectivamente feito por mim foi autorizar a construção de um investimento estruturante para a Freguesia de Garvão e para o Concelho em geral, foi criar postos de trabalho foi criar riqueza, temos levado uma vida inteira a dizer que os nossos familiares e os nossos filhos tem que sair daqui porque aqui não há nada, quando há uma iniciativa levantam-se logo os profetas da desgraça a dizer mal de ela e tentar destruí-la isso é que me entristece muito. Porque o que está aqui em causa é um investimento que tinha tido aprovação de Fundos Comunitários pela Direcção Regional de Agricultura

e da CCDR, e estava na eminência de se perder tudo isso, e se calhar ir para outro Concelho. Era urgente resolver a situação, naturalmente que só se deu andamento a isto depois de muito trabalho, de muito estudo, de muita dedicação e muito empenho, em tentar resolver a situação, dentro da legalidade e foi dentro da legalidade que foram encontradas situações alternativas e é aqui que é o ponto fulcral. A razão da deliberação da autorização do licenciamento desta fábrica deveu-se a uma situação, em tudo semelhante, num concelho também da região Alentejo houve um Despacho Superior que permitiu a dispensa de Plano Pormenor para que fosse possível construir, uma unidade numa situação, em tudo, idêntica à de Ourique. Ora, aquilo que eu digo sempre e nessa, as oposições e toda a gente se juntou e não fizeram denúncias para ninguém e apoiaram a construção de



PEDRO DO CARMO
Presidente da Câmara Municipal de Ourique

um investimento desses, era aquilo que eu faria se fosse oposição apoiava sempre e não ia com denúncias, e foi com uma situação em tudo idêntica, com um Secretário de Estado que tomou essa posição até para uma Câmara de partido diferente, daquela que era o Município, e se é para os outros também é para nós, eu só não contei com uma coisa, foi que houvesse denúncias a tentar prejudicar aquilo que tinha sido feito, ou seja noutros Concelhos uniram-se, e aqui houve alguém que ficou amuado, ficou triste por haver desenvolvimento, para o concelho de Ourique. Se calhar porque durante 12 anos não criaram um Plano Director Municipal que previa um Parque Industrial, se calhar porque durante 12 anos quiseram não trazer desenvolvimento nenhum, porque é mais fácil dominar as pessoas perante a necessidade, esse é um conceito já antigo é manter as pessoas com dificuldades para lhe dar migalhas e controlá-las, não é esse o meu princípio de vida, eu hoje sei que há muita gente empregada na Montaraz, sei que há famílias que tem ali o seu sustento, e é por elas que eu luto e

pela mais valia de ficar no concelho de Ourique, porque como dizia há pouco, a mais valia é essa mesmo, ou seja, nós produzimos a matéria prima e transformamo-la aqui, é aquilo que vem em qualquer manual de Economia, aquilo que cria riqueza não é só criar a matéria prima é transformá-la. Eu estou plenamente consciente e convicto que nada irá acontecer de mal, mas no entanto, também é preciso saber que lutamos contra muita gente que tem má fé no procedimento e que tem o único objectivo de destruir, por isso, eu tranquilizo todos, em especial os Garvanenses que nada de mal irá acontecer que contem comigo para lutar até ao fim e também tranquilizá-los que não foi cometido, nada de irregular, nada de ilegal, antes pelo contrário foi tido dentro dos parâmetros da lei. Encontramos situações idênticas e eu exigi para o concelho de Ourique e lutei contra este Governo ou contra qualquer Governo, para que tenham o mesmo tratamento com o concelho de Ourique que tiveram com outros concelhos, infelizmente, aqui houve foi golpes baixos, de ataque e de não aceitarem isso, enquanto nos outros lados se unem, aqui atrasaram mas esse não é o meu procedimento, o conceito de oposição não pode ser nunca destruir nem criar dificuldades, mas sim apoiar o desenvolvimento do concelho.

7. É uma obra para continuar?

O futuro de Ourique está hipotecado, mas é preciso continuar com esta política de rigor de verdade, de transparência de credibilidade, se dêssemos o mínimo passo em vão podíamos voltar, outra vez, para trás isto tem sido com muito sacrifício, eu faço um reconhecido elogio aos funcionários da autarquia que compreenderam esta dificuldade, que colaboraram todos no interesse de desenvolver o concelho de Ourique, foram sem dúvida, eles os primeiros a sentir na pele, essa mudança, hoje, têm máquinas para trabalhar; hoje têm instrumentos para trabalhar; hoje têm respeito, enquanto, funcionários e cidadãos, para além, disso todos os Ouriquenses admiram o seu trabalho, a sua dedicação. Nós hoje, somos um grupo muito mais alargado, hoje, vive-se uma sã democracia, onde todos têm voz, onde todos colaboram, isto tem que ser para continuar, há muito a fazer no concelho de Ourique, temos que trabalhar o dobro para recuperar os anos que tivemos de atraso. Eu não quero ser conotado como ter sido o Presidente que resolveu os problemas dos outros, como fez a gestão dos maus erros do passado, também, terei que ter, naturalmente, a confiança dos Ouriquenses para resolver muito do futuro. Eu hoje, estou com tanto processo em marcha, desde a electrificação rural na zona de Santana da Serra, como os Apoios Sociais para pagamento de medicamentos ou de transportes; tem que se manter cantinas escolares abertas, quando isso nos outros Concelhos já existem há muito tempo, ou seja, foi preciso recuperar tudo ao mesmo tempo, é muito difícil mas, naturalmente, melhores dias virão e se continuarmos com esta política, os sinais ainda mais positivos virão no próximo Mandato.



FEIRA de GARVÃO ... I

Artigo de José de Brito Ramos

Opinião favorável á mudança da data da Feira

Porque deve mudar a Feira de Garvão

As respostas negativas a um inquérito sobre a eventual mudança da feira de Garvão, para um fim-de-semana fixo, foram quase todas justificadas pela ancestralidade e tradição das datas de 9 e 10 de Maio. Provavelmente, não será bem assim. Virgínia Rau, num tratado sobre as feiras medievais portuguesas, não refere qualquer evento desse tipo em Garvão e, curiosamente, descreve uma feira que se realizava na Vila de Ourique durante o mês de Maio. E das duas uma, ou a feira de Garvão ainda não existia nos tempos medievais, o que é pouco provável, ou, então, ainda não tinha atingido a notoriedade suficiente para merecer a atenção de tão ilustre professora e investigadora.

Em nosso entender, a notoriedade que a feira de Garvão chegou a atingir, deveu-se principalmente ao advento do caminho-de-ferro (fins do século XIX) e a duas outras questões que eram essenciais para as economias rurais que, então, eram fundamentalmente agrárias.

M.Link, um Barão alemão que percorreu Portugal entre 1797 e 1799, logo na primeira etapa entre Lisboa e Monchique, já próximo de Garvão, que descreve como um vale agradável e verdejante, após léguas e léguas de charnecas e matorrais percorridos, observou, ser extremamente difícil e impossível no Inverno, viajar por este país, devido à inexistência de estradas dignas desse nome e, sobretudo, de pontes. Lembra-se, a corroborar a observação de Link, que a ponte da estrada nacional sobre a Ribeira de Garvão só foi construída quase 150 anos depois, que o asfaltamento da estrada foi feito 20 anos mais tarde e que a ponte da Ribeira da Estação, ao contrário do que já vimos escrito, não é romana e, provavelmente, nem sequer será medieval.

Foi pois com o comboio que se iniciou o processo de afluência de milhares e milhares de pessoas à feira de Garvão. Uns vindos daquilo a que se chamava o Algarve, em comboios especiais que desembarcavam os passageiros directamente na Estação de Garvão. Outros, vindos pelo ramal do Sado até à Funcheira e outros ainda, pela linha do Sul, por vezes de muito longe, como era suposto ter vindo o marido traído da adúltera "Laurinda", uma canção popular do Alto Alentejo divulgada por Vitorino. Mas o que fazia acorrer tanta gente à feira de Garvão? No nosso entender, além da aquisição de artigos que não se encontravam no comércio local, o facto de a feira se realizar numa época imediatamente após aquilo a que agronomicamente se designa por ponta da erva e imediatamente antes da colheita de produtos que, conjuntamente com a pecuária, dominavam a economia de toda a região envolvente, os cereais e a cortiça.

Após a dita ponta da erva os animais entram em perda da composição corporal, a não ser que sejam compensados com recurso a alimentos concentrados, o que, nos sistemas de produção tradicionais extensivos de então, era absolutamente impensável. A feira de Garvão era a primeira oportunidade dos produtores se desfazerem dos animais que criaram, sem grandes perdas resultantes do esgotamento e da perda de valor nutritivo dos pastos. Para muitos era até a única. Só por esta razão, afluíam à feira milhares de cabeças de gado bovino, ovino e caprino, acompanhados dos correspondentes maiores e ajudas, os lavradores/proprietários e dezenas de marchantes.

A proximidade das colheitas fazia igualmente afluir à feira de Garvão muitos ranchos de ceifeiros na expectativa de tomarem searas de empreitada, que então ainda se fazia de forma manual, ou simplesmente, para comprarem os utensílios e

ferramentas necessários para efeito, nomeadamente foices, botas, enfuzas para a água, painelas de barro para as copas, etc. O mesmo se pode dizer para as joldas de tiradores de cortiça, que ofereciam os seus préstimos junto dos proprietários e aproveitavam a feira para igualmente adquirir as ferramentas e utensílios necessários.

Ora, foi todo esse paradigma das relações económicas, sociais e laborais que, a partir dos princípios da década de 60, começou a alterar-se. Questões como o êxodo rural, a emigração, a guerra colonial, o desenvolvimento das infra-estruturas rodoviária, a auto mobilização crescente dos cidadãos, a mecanização da agricultura, atrasada proposadamente dezenas de anos para não agravar a, já de si, periclitante situação social, e as restrições de ordem sanitárias impostas à circulação de animais, originaram profundas transformações nos modos de produção e comercialização agrícola, afectando sobremaneira as feiras de cariz predominantemente agrícola, como era a feira de Garvão. Nada que não tivesse já acontecido noutros países europeus, muitos anos antes, em consequência da revolução industrial.

Na tentativa de contrariar a tendência de declínio e atrair as novas populações urbanas, muitas das feiras mudaram simplesmente as datas para fins-de-semana. Para muitas, foi a sua morte apressada, porque a simples mudança de datas não era suficiente. Outras, porém, transformaram-se em feiras temáticas, com designações mais ou menos apelativas de produtos regionais afamados ou de fileiras de produtos afamados. Todas as que o fizeram, deslocalizando, simultaneamente, as datas para fins-de-semana, obtiveram bastante sucesso. Principalmente, quando, o conjunto de eventos organizados nessas feiras, constituem, só por si,

garantia de atracção de populações urbanas desejosas de ocupar os seus tempos livres na procura do natural e do genuíno. Os exemplos são vários, sendo os casos mais conhecidos, os das feiras do fumeiro que se realizam um pouco por todos os Trás-os-Montes e que atraem dezenas de milhares de forasteiros. Em nosso entender e da grande maioria das pessoas consultadas no inquérito que começámos por referir, a feira de Garvão, pelo facto de, em boa hora, já ter evoluído para uma feira temática, a feira do porco alentejano, e de na Vila se ter implantado uma unidade agro-industrial de transformação do porco alentejano a par de outras unidades mais pequenas existentes na região, já pode e deve dar um outro salto qualitativo sem sobressaltos de maior, mudando-se para um fim-de-semana, de forma a atrair pessoas que, quando a feira calha a um dia de semana, não podem comparecer devido aos seus afazeres profissionais. Se se quiser que a feira assuma um papel importante no contexto do desenvolvimento económico da região, como forma de promoção dos produtos locais e local de debate de ideias e dos seus problemas, que são muitos, é importante e urgente fazê-lo, hoje, mais até do que na altura em que se fez o referido inquérito, porquanto o recuo da Ovibeja veio em muito prejudicar a feira de Garvão. Infelizmente, a ameaça desproporcionada e incompreensível de destruição da unidade agro-industrial, não augura nada de bom, nem para a região, nem para a valorização da feira de Garvão, nem para aqueles que desencadearam o processo.

José Brito Ramos

Café Beira Linha
ALMOÇOS E JANTARES
Telef. 286 555 199
ESTAÇÃO DE GARVÃO

Cost. N.º 937 897 621

MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.™
ARMAZENISTA - DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 - Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,3 OURIQUE

Café Central
Manuel Bárbara dos Reis
Comidas e Dormidas
Telef. 286 555 113
Lg. da Amoreira, 3 - GARVÃO

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Cateilhanria de Alumínio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Fole
Tectos Falsos - Decorações e Resoluções Gerais
Tel./Fax 286 555 164 - Rua Nova 25-B - GARVÃO



FEIRA de GARVÃO ... II

Artigo de José Pereira Malveiro

Opinião desfavorável á mudança da data da Feira

Argumentos para a sua valorização

A Feira de Garvão tem as suas origens num mundo ou numa realidade totalmente diferente daquela em que vivemos hoje. Se nas suas origens foi a espontaneidade e a necessidade de troca de produtos das populações que a iniciou e a tornou numa das maiores Feiras do sul, agora a realidade é outra e a sua sobrevivência como Feira terá de ser encarada, não numa perspectiva socioeconómica de há cinquenta anos ou saudosista, mas mais como uma herança que chegou aos nossos dias e que podemos valorizar numa perspectiva de desenvolvimento local.

E é precisamente nesta perspectiva – a de valorizá-la face às necessidades e aos desafios actuais – que se coloca a questão: O que fazer?

Tem-se em consideração que nos últimos trinta anos a conservação da Feira nunca foi uma prioridade para os políticos locais, obedecendo mais a prioridades pessoais ou eleitorais do que propriamente às necessidades da vila de Garvão ou da própria Feira. Depois de construírem um campo de futebol, um depósito de água, uma praça de touros e um bairro no local tradicional da Feira de Garvão, o que limita a implantação de feirantes e mesmo a sua vinda, surgem argumentos sobre o enfraquecimento em número de visitantes à feira e daí a necessidade de fazer qualquer coisa para a sua recuperação.

Nesse sentido, já em 1995, realizou-se a primeira exposição Agro-Pecuária por altura da Feira de Garvão, na esperança de a melhorar e atrair um maior número de visitantes. Contudo, treze anos depois, verifica-se que tal iniciativa não trouxe melhorias significativas à feira, não só não trouxe mais visitantes, como afastou alguns feirantes.

A própria exposição Agro-pecuária original converteu-se numa

exposição completamente autónoma em concorrência desleal com a Feira tradicional – desleal porque tem outros apoios, nomeadamente da autarquia, enquanto na feira tradicional não se nota qualquer tipo de apoio, planeamento ou incentivo, nem foi feito um estudo de impacto sobre as consequências da realização da exposição Agro-pecuária na mesma data da feira tradicional ou, mais importante, sobre a sua continuidade e valorização.

Converter a Feira tradicional na Feira do Porco Preto, ou mesmo identificar-se com esta actividade tão importante da nossa freguesia, é contribuir para o desaparecimento da componente tradicional da Feira de Garvão em prol de uma outra exposição que é sempre bem-vinda e de enaltecer, mas só peca por não se realizar noutra data.

A realização da exposição do Porco Preto noutra altura do ano iria ciar mais uma iniciativa na vila de Garvão e deixar que as forças locais envolvidas na Feira se concentrassem na sua valorização.

Manter viva esta tradição, não é introduzir novos conceitos de Feira, alheios e até mesmo opostos a este costume secular, com ocupação de lugares habitualmente reservados aos feirantes, como a “Corredoura” que levou fim.

É preciso respeitar a especificidade da Feira de Garvão, e não transformá-la em mais uma exposição igual a tantas outras de norte a sul do país.

É preciso diligenciar com a mesma vontade, com que se apoia as novas introduções, na manutenção dos feirantes e tendeiros tradicionais e que não se revêem nesta nova realidade de exposições.

Segundo algumas opiniões, mudar a data da Feira para um fim-de-semana seria uma solução a implementar, contudo ao ponderar uma mudança desta natureza convém efectuar o devido estudo de impacto sobre as suas

consequências na feira, tendo em consideração que nos fins-de-semana, antes e depois, realizam-se feiras e mercados noutros lugares, geralmente com mais tendeiros e visitantes, daí não se notar melhorias significativas na Feira quando esta se realiza no fim de semana como foi o caso deste ano.

Ao viabilizar uma solução para a continuidade da Feira de Garvão e que seja cada vez mais uma realidade para as gerações futuras, é óbvio que carece de um estudo aprofundado pelas autoridades competentes. Contudo, o enquadramento histórico da Feira de

daí o seu nome, e se era na vila de Messejana no tribunal especial “Dos Verdes Montados” que se resolvia as contendas surgidas ou o pagamento das rendas e impostos das pastagens, era em Garvão que se movimentavam os marchantes que abasteciam de carne a cidade de Lisboa. Segundo um protesto do arrematador das sisas de Garvão, Miguel Vaz Coelho, morador na quinta do Valadão informa-nos que: “*Há uma feira, cujo nome vem muitas vezes nas petições, é a de Garvão... trata-se de uma feira a sul da provincia; Garvão é verdadeiramente a capital regional do comércio de animais*”, e ainda “*Os marchantes que compravam carne para fornecer a cidade de Lisboa, tentavam fugir ao pagamento da sisa. Por isso, um inquérito preparado pelo corregedor em 1794, tem por origem a actividade de uma companhia criada em Lisboa e por três representantes desta sociedade, ao comprarem animais em Garvão, negarem-se a pagar a sisa*”.

E é precisamente neste enquadramento e nestas raízes históricas que a Feira de Garvão tem de encontrar a sua sobrevivência, numa altura em que de Norte a Sul do país se assiste a um revivalismo “Medieval” e “Tradicional” com a realização de exposições, teatros e Feiras Medievais, incluindo Islâmicas como a de Mértola. Em Garvão passa-se precisamente o contrário, subrepticamente vai-se acabando com uma mais valia que outras terras tentam em imitar. A mudança da data da Feira para um fim-de-semana iria quebrar de vez com o único elo que ainda tem com o passado.



Página do Livro da Santa Casa da Misericórdia de Garvão de 1735, referente ao valor do Terrado a pagar pelos mercadores e respectivas profissões

Garvão permite-nos visualizar e contribuir com outras alternativas.

Não nos podemos esquecer do seu enquadramento histórico, dos grandes rebanhos de gado que desciam dos Montes Hermínios, do Alto Alentejo e de Espanha e vinham pastar para o Campo Branco Alentejano.

Se era na Vila de Entradas, que se fazia a entrada nas pastagens,

José Pereira Malveiro



TURISMO de MASSAS e o INTERIOR

Ângelo Nobre*

Devido às inquestionáveis potencialidades do litoral português surgiram uma série de interesses à sua volta. Interesses estes que, na maioria não têm em conta a sua preservação do meio ambiente e a escassez dos recursos naturais, e são orientados apenas por fundamentos económicos ou de ostentação.

É o caso, por exemplo, dos turistas que tudo fazem para construir uma segunda habitação quase em cima da praia, ou dos grandes empresários que, espalham aldeamentos turísticos pelas belas paisagens costeiras.

Torna-se evidente a pressão turística por todo o litoral algarvio e, de modo geral, também pelo restante litoral português, nomeadamente o litoral alentejano. Os impactos produzidos não são apenas de ordem ambiental, mas também económica, social e cultural, e os seus efeitos não ocorrem isoladamente. Pelo contrário, estão profundamente correlacionados.

Neste sentido, posso afirmar que se o turismo não for uma actividade bem planeada, apelando aos sentimentos de respeito e responsabilidade, pode produzir efeitos devastadores. Em vez de potenciar um desenvolvimento social, pode agudizar os problemas ambientais, as desigualdades sociais e a destruição dos valores e costumes locais.

A intenção de muitos, nomeadamente dos ambientalistas, é diminuir a pressão turística no litoral alentejano, principalmente diminuir este turismo de massas que toma de assalto as nossas praias em pleno Verão, degradando a paisagem e poluindo as águas.

Paradoxalmente, em virtude da poluição atmosférica, do aumento da

temperatura global e da subida do nível médio do mar, muitas dessas praias e recantos de costa serão inundados e, inevitavelmente, os índices turísticos diminuirão.

Qual será então a solução, uma vez que o país e principalmente a nossa região depende em grande medida das receitas produzidas pelo turismo. Proteger o meio ambiente litoral da pressão de um turismo de massas e canalizá-lo para o interior? Aproveitar ao máximo as receitas que os turistas balneares trazem para Portugal enquanto ainda há hipótese para tal? Ou será que a resposta passará pela promoção de um turismo alternativo, como é o caso do turismo rural ou do turismo de aventura?

Parece-me a mim que esta última será uma possível solução, uma vez que Portugal e o Alentejo apresenta enormes potencialidades que não apenas os recursos marinhos. Todavia, importa que exista um planeamento adequado no sentido de desenvolver o interior; que se criem estratégias de promoção de um turismo sustentável, que não seja um turismo de massas; que se apele à tomada de consciência de que os recursos são escassos; e que se apele aos sentimentos de responsabilidade e de respeito pela Natureza.

Quanto ao nosso, ao meu litoral, importa que também algo seja feito. Não interessa canalizar os turistas para o interior, sem haver uma intervenção no sentido de minimizar as consequências negativas da pressão actual.

*Sociólogo, actualmente Presidente da Junta de Freguesia da Conceição

Curas . . . e Mézinhas Tradicionais

Sandra Mamede

Esta coluna vai tratar de “mezinhas caseiras”. A primeira mezinha que vai ser aqui apresentada é a planta do “betadine”. Um dos nomes desta planta é Quelidónia-maior (*Chelidonium majus*).

A seiva desta planta começa por ser de um amarelo ocre e pouco depois fica da cor do Betadine. A seiva desinfecta e ajuda a cicatrizar.

A Quelidónia-maior já era utilizada como erva medicinal pelos médicos gregos, especialmente no tratamento de problemas de pele, vesícula e fígado. Na China era utilizada como relaxante muscular, no tratamento das cataratas e como anti-espasmódico. O seu nome vulgar, “erva-das- verrugas”, refere-se ao facto de ser utilizada popularmente para curar estes problemas de pele. A sua seiva é ainda utilizada como cicatrizante, ainda que várias fontes bibliográficas alertem para os cuidados que se devem ter no seu manuseamento, já que é uma planta venenosa, de seiva corrosiva. É muito vulgar no nosso país.

Um dos utilizadores desta planta, aqui na nossa terra é o Sr. Ezequiel José, de 71 anos, que conhece esta planta pelos nomes “Erva da cura” e “Erva-mercúrio”. Esta planta foi-lhe oferecida por uma vizinha há mais de 20 anos, e desde aí tem sempre o utilizado a planta: em feridas, queimaduras pequenas, que evita que forme bolha e acalma a dor, e em herpes labial. Mais acrescenta que nunca teve qualquer tipo de alergia ou reacções adversas relativamente à utilização da planta.



EZEQUIEL JOSÉ



ERVA DAS VERRUGAS

GRUPO CORAL FEMININO "FLORES DE MAIO"

O canto sempre foi uma expressão espontânea das gentes do sul, seja nas lides do campo ou noutros trabalhos, expressavam as suas mágoas e alegrias através do canto. Quantas vezes o canto, a alegria do canto disfarçava o que lhes ia na alma para o bem e para o mal.

Foi precisamente esta espontaneidade que na preparação do aniversário do Grupo Coral Infantil de Garvão, em Maio de 1996, e na cantoria de volta dos tachos e panelas para o almoço, que nasceu o Grupo Coral feminino "Flores de Maio". Foi também em Maio que fizeram a sua apresentação pela Feira de Garvão, e Maio teria de ser o nome daí "Flores de Maio".

Desde o princípio não faltaram apoios, da autarquia, Junta de Freguesia, Paróquia e das outras Associações, assim como convites para actuarem em vários pontos do país, o que tem sido uma constante desde a sua inauguração e divulgação com cerca de vinte a vinte cinco saídas anuais.

O Grupo Coral Feminino "Flores de Maio", apesar do enorme esforço, tem procurado manter a linha original de cantadeiras. Contudo, nos últimos tempos por falta de elementos femininos, admitiu elementos masculinos para preencher o espaço deixado vago por alguma cantadeira.

Tem procurado também, ao longo da sua existência cantar as cantigas e modas tradicionais alentejanas que se cantam nesta região do alentejo. O Grupo Coral Feminino actualmente é composto pelos seguintes elementos de Garvão: Maria da Graça, Laura, Maria Cândida, Ercília, Catarina, Graça Patrão, e de Panoias: Assunção, Maria de Deus, Irantina, e por Diogo, Augusto e António de Garvão.



Fila superior: Cordélia, Graça Patrão, Almerinda, Emília,

Fila inferior: Catarina, Ercília, Maria Cândida, Laura, Maria da Graça, Rafaela, Cavaco.



Centro Social Cultura e Recreio da Casa do Povo de Garvão

CENTRO SOCIAL

O Centro Social Cultura e Recreio Casa do Povo de Garvão, foi fundado em 25/07/1992, com a actual designação, após as extintas Casas do Povo, sendo as instalações do mesmo, património da Junta de Freguesia, com

participa anualmente no Campeonato Distrital do INATEL.

Com fracos recursos financeiros, para manter estas actividades, tal só é possível com subsídios por parte da Câmara Municipal de Ourique, através de um protocolo celebrado por esta direcção com o actual Presidente da Autarquia Dr. Pedro do Carmo.

FUTEBOL



Fila de trás: António Prim, José António, Nuno Correia, Fernando, Nunes, Gonçalo, Hugo Matos.

Fila da frente: José Manuel, Joaquim José, Rui Brito, Jorge Alexandre, Luís Leal, David Mendes, Ricardo, Pedro Viegas, Nelson Silva, Jorge Conversa, Nuno Gomes, Pedro Faustino, Paulo Firmino, Daniel Raposo, Lúcio Ribeiro, Luís Miguel.

cerca de 900 sócios, tem como únicas fontes de rendimento, um bar e uma quota, que se pode considerar simbólica de 0.50€, tem como principais actividades duas vertentes distintas, na parte Cultural, o Grupo Coral, de seu nome "Alma Alentejana", e na parte desportiva uma equipa de futebol Sénior que

A equipa de futebol, normalmente é composta com um plantel que oscila entre os 20 a 25 jogadores, sendo a maioria residentes no

Conselho, e tendo como objectivo principal fomentar a prática desportiva e ao mesmo tempo um motivo de convívio entre todos, semana á semana, pois como equipa amadora não há tempo, nem condições para poder haver treinos durante a semana, uma vez que o campo de futebol não tem iluminação, mas mesmo assim tenta-se, conseguir

sempre chegar o mais longe possível, o que aconteceu nestes últimos anos, que foram excelentes onde se obteve óptimos resultados, onde fomos Campeões de Série nas Épocas de 2004/05, 2005/06, 2007/08, e Campeões Distritais na época de 2006/07.

GRUPO CORAL

O Grupo Coral "Alma Alentejana" formado em Setembro de 1991, sendo a sua Madrinha a Senhora D. Maria Luísa Felix, ficou agregado ao Centro Social Cultura e Recreio

Casa do Povo de Garvão, aquando da sua formação, começou com cerca de 30 elementos, sendo composto actualmente com cerca de 20, alguns desistiram, outros foram para outros Grupos Corais e outros, que por força da lei da vida, infelizmente tiveram que partir.

O seu traje é característico das vestes da nossa terra, sendo a calça preta, camisa azul, colete preto e lenço vermelho ao pescoço e o

tradicional chapéu preto, símbolo marcante do nosso Alentejo.

O Grupo é formado com pessoas, na maioria do nosso Concelho, mas também com gentes do Concelho de Odemira, e é o objectivo principal criar, e não deixar morrer esta parte da nossa cultura que é cante Alentejano, levando-o assim por todo o país. O Grupo reúne-se semanalmente para ensaiar e conviver e comemora este ano o seu XVII Aniversário, fazendo uma festa, como é tradicional todos os anos, no dia 27 de Setembro 08.



GRUPO CORAL "ALMA ALENTEJANA"

Joaquim Loução, Paulo, Eduardo, José Rita, Francisco Mestre, Joaquim Maria, Francisco Bailão, António Eduardo, Filipe José, Silvino, Otilio, Octávio Rochart, António Damásio, José Manuel, Areias, João, Eduardo, António Ildefonso, José Sobral Loução.

Por: Luís Alexandre
Presidente da Direcção

Vila De Garvão

I
Nossa Vila de Garvão
Vai ficando evoluída
Tem iniciativas em mão
E bons projectos para a Vila

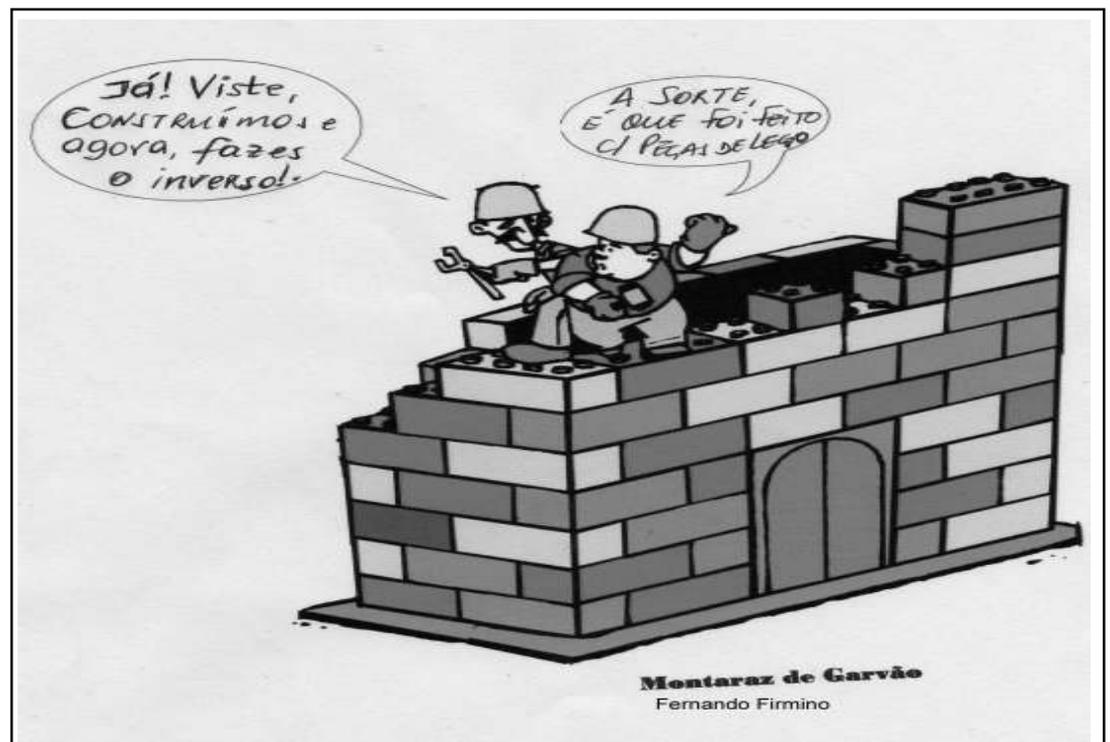
II
Há pouco dinheiro em caixa
Mas já tem um rumo novo
Mas tudo se há-de fazer
Com ajuda do nosso povo

III
A Juventude tem vontade
De manter a tradição
Deixem-nos lá trabalhar
Que é um futuro para Garvão

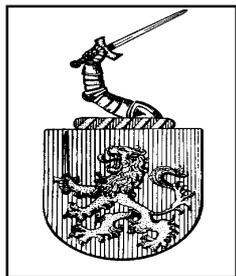
IV
E com a ajuda da juventude
Garvão já tem melhorias
A Junta é uma virtude
Com as Festas e Romarias

V
Com Festas e Romarias
Que vem dos meios rurais
E tem a Comissão de Festas
E tem os grupos corais

D. Maria da Graça Baião Lebre

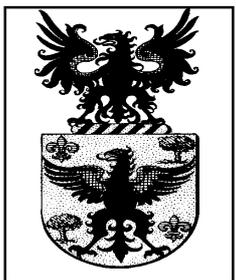


FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA



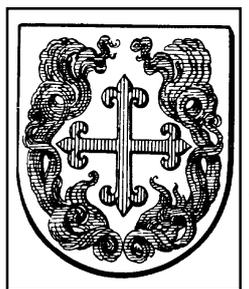
GUERREIRO - Família originária da Andaluzia, de que passou para Portugal no tempo de D. Afonso V um Bartolomeu Guerreiro. Um dos seus filhos Afonso Guerreiro de Gusmão viveu em Ourique e do seu casamento deixou geração que seguiu o apelido dos Guerreiros.

Foi tão poderosa da comarca de Ourique e apesar de aparentada com as dos mestres é conhecida as rivalidades existentes, causando tais movimentos no país com os seus partidos que a corte teve necessidade de enviar ministros a promoverem a pacificação entre as duas famílias.



MESTRE - Conhecida desde os reinados de D. Manuel I e D. João III, uma família dos mestres ricos proprietários e residentes na comarca de Ourique desconhece-se a sua antiguidade e a proveniência do nome, talvez de alcunha da profissão, eram os grandes rivais dos Guerreiros na comarca de

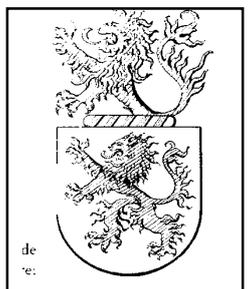
Ourique, ambas as famílias eram grandes proprietários de terras, daí a sua rivalidade.



CORTES - Conhecida também pela forma arcaica de cortês, existe em Portugal várias famílias deste apelido, uns procedentes de Espanha, outros naturais do país.

Talvez proveniente de alcunha ou do nome de localidade como Vila Cortês onde viveu uma família deste nome, são conhecidas de Norte a Sul do país, sendo o brasão de armas atribuído em

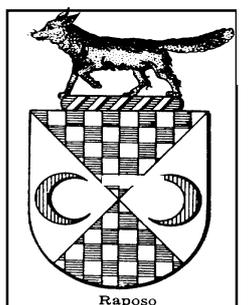
14-XII-1771, a um Manuel Lopes Caetano Corte Serra, capitão-mor das vilas da Lousã, Serpins e do couto Semide.



SILVA - Família das mais importantes da península, por descender dos reis de Leão.

Deriva de apelido da Torre da Silva da aldeia de Alderete em Valença do Minho, conquistada por D. Henrique de Bergonha na tomada da dita Torre e doada a D. Guterres Pais que acompanhou D. Henrique na conquista. Casou-se com D. do qual teve geração que

Maior Peres de Ambie continuou a linhagem.



RAPOSO - Família que se diz descender dos Meneses, descendente de D. Telo Pires de Meneses. Uma neta casou-se com D. Gonçalo Anes de Meneses alcunhado "o raposo" por volta de 1283 de quem tiveram vários filhos que continuaram a geração.

Associação de Festas e Romarias de Garvão

Sónia Guerreiro

A Associação de Festas e Romarias de Garvão, nasceu no ano de 2004, fruto do empenho e esforço de um grupo de jovens desta terra, que resolveram dar continuidade às tradicionais Festas de Garvão, de final de Agosto, cuja realização não se fazia desde 2001.

Em conversa entre amigos alguém sugeriu: "... e se fizéssemos as Festas este ano?!"

Todos concordaram, apesar de já ser um pouco tarde, uma vez que tinha de se organizar muitas coisas em tão pouco tempo.

Decidiram reunir-se no fim-de-semana seguinte para falarem melhor no assunto, e de como seriam as Festas (conjuntos, artistas, etc.).

Éram oitoelementos e dividiram as tarefas e, ao fim de, aproximadamente um mês depois estava tudo praticamente organizado.

Desde o primeiro momento tiveram o apoio e o incentivo da população, e das entidades da freguesia e do concelho.

Assim, com a colaboração de todos, fizeram as Festas de Garvão em 2004.

Terminadas as Festas decidiram criar uma associação a qual deram o nome de Associação de Festas e Romarias de Garvão.

Associação esta, que durante estes anos e, além de organizar as Festas da Vila, tem organizado outras eventos ao longo do ano, como o Halloween, a participação no Desfile de Carnaval, a representação viva da Via-sacra, entre outras.

E, assim irão continuar a tentar desenvolver a vida da nossa Vila de Garvão,

Ana Guerreiro, Jorge Alexandre, Sandra Mamede, Sónia Guerreiro, Márcio Jorge, Pedro Camacho, Vânia Guerreiro, Raquel Nunes, João Cola e Carlos Mendes

Qual a sua opinião sobre as Festas de Garvão ao longo dos anos?



Sra. Francisca Catarina

"As Festas dão nome à terra, e ajudam a desenvolvê-la. Deve de haver união para que as festas não acabem."



Sra. Maria José Serralha

"As Festas de Garvão estão mais divertidas do que antigamente. As pessoas deveriam colaborar mais nos enfeites das ruas. As ruas deveriam unir-se mais."



Sra. Sandra Romão

"Houve uma interrupção das estas por alguns anos mas felizmente formou-se uma omissão que ressuscitou a adição da Terra e espero ue não percam a força e ontiuem."



Srª Lurdes Venâncio

"Acho muito bem que haja festas, e não se devia perder a tradição e continuar sempre a fazer as festas de Garvão que já vêm do tempo dos meus pais e avós."



Sr. Arlindo Madeira Mendes

"São festas tradicionais que nunca se deve deixar morrer, e ainda bem que houve pessoas que tomaram posse das festas, e só temos é que agradecer à malta jovem por não ter deixado morrer as festas da nossa vila."



Sr. António Vilhena

"A tradição já não é o que era, mas é bom haver esta comissão nova para não deixar morrer as festas, apesar de já não serem como há anos atrás é preciso é que as festas continuem."

Sr. José de Matos Cunha



"A dinâmica das Festas deve de ter o objectivo de unir a população através das suas Festas. Ao longo dos anos verificou-se que a comissão de Festas se fechava na sua concha e não dava a conhecer a sua dinâmica e não mobilizava as pessoas.

Ao longo dos tempos, as Festas sempre foram um pólo aglutinador dos Garvanenses.

As Festas de Garvão devem estar acima de qualquer orientação Político-religiosa.

Lembro que o entusiasmo na decoração das ruas foi-se perdendo.

As Festas sempre foram o motivo de reencontro dos naturais de Garvão, sobretudo dos residentes fora da terra.

Só com isenção devolveremos à comissão de Festas o seu brilho, a sua tradição, a sua alegria, de proporcionar ao povo de Garvão um fim de semana alegre e feliz.

Por Garvão tudo."

